

P.E.D.R.A., por VERA SANTOS (Coreógrafa, Teatro Municipal do Porto)

Conheci pessoalmente Vera Mantero em 2012 quando, para a minha tese de Mestrado em Estudos Artísticos - Crítica de Arte, a entrevistei a propósito da peça que criou em 2001 para o Ballet Gulbenkian, *Como Rebolar Alegrementemente sobre um Vazio Interior*. Nessa altura tive oportunidade de aprofundar o conhecimento do seu trabalho que sempre acompanhei com fascínio.

Entendo que o repertório de um coreógrafo traduz o seu pensamento relativamente à dança, ao corpo e à comunicação com o tempo em que vive; foi esse trilho que segui pelas obras da coreógrafa com estes adolescentes, acompanhados pela própria Vera Mantero. A sua presença foi a PEDRA de toque deste processo.

Como estar no aqui e agora era o que queria trabalhar com estes adolescentes – *Coisa tão difícil nos adolescentes!* (disse a Barata, com propriedade, no primeiro encontro de trabalho).

O aqui e agora daqueles sábados à tarde na sala de ensaios do Rivoli era: o que vamos apresentar (e quantas noites vamos estar em Lisboa)? *Como Rebolar Alegrementemente sobre um Vazio Interior* (2001), foi assim que começámos.

Então procurámos não pensar, procurámos um corpo com vontade própria e com sons estranhos, procurámos aquecer os impulsos, procurámos o olhar com o olhar completamente, procurámos dizer, dizer, imaginar, imaginar melhor ainda sem saber e escrever da mesma forma. Tudo isto a Vera pôs em marcha, tal e qual!

Levei para a sala de ensaio um excerto de um livro* que começava por dizer que "Os modos pelos quais ignoramos uma coisa são tão importantes senão mais importantes do que os modos pelos quais conhecemos" e concluía "(...) a relação com a zona de não-conhecimento é uma dança".

Na Sala Estúdio do Campo Alegre lemos textos do António Pinto Ribeiro sobre a Vera Mantero e sobre A Nova Dança Portuguesa; e, já abismados, vimos as peças: *Uma Rosa de Músculos* (1989), *Sob* (1993), *A Dança do Existir* (1995), *uma misteriosa Coisa, disse o e.e. cummings** (1996).

O Carlos disse que o que vimos não é dança, é teatro. *I guess I just really admire her belief and trust in herself and how confident she is in her own body* – declarou a Liz.

A propósito de *Comer o Coração* (2004) a Jessica disse: - *Ela é uma Deusa!*

Se achas que és inteligente então é porque ainda não experimentaste dançar – foi uma das notas do Marco nos papéis que sempre esquecia no estúdio. *Afável, melódico, poderoso, representação, descomunal, parábola, metafórico, artístico, desempenho, surreal, resposta, incerteza, dúvida, questão...* foram palavras do Joel. A Rios disse: *A dança traz isto, um milhão de pensamentos a cada pessoa, e é capaz de demonstrar o que é isto de ser pessoa, o que é isto de existir.*

"A arte de viver é, nesse sentido, a capacidade de uma pessoa se colocar numa relação harmónica com o que nos escapa."* - Esta frase tem de entrar no espectáculo! Disse a Vera.

**Nudités* (2012) de Giorgio Agamben

A NOVA DANÇA DO EXISTIR

Coreógrafa-mote inspiradora: Vera Mantero

Coreógrafa de desenvolvimento no Porto: Vera Santos

Intérpretes: Beatriz Rios, Carlos Alexandre Pereira, Catarina Borzyak, Gabriela Rodrigues, Jessica Ferreira, João Figueiredo, Marco Martins e Maria Luís Loureiro.

Participante no processo: Elizabeth Veitch Dumbill

Cúmplices: Vera Mantero, Leonor Barata, Henrique Furtado Vieira, Manuel Poças, Pedro Galante, Zito Marques e Marcela Pedersen